

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA
21 de Março de 2024

LA VOCATION SUSPENDUE / 1978

Um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / Argumento: Raúl Ruiz, baseado no romance homónimo de Pierre Klossowski / Direcção de Fotografia: Sacha Vierny e Maurice Perrimond / Cenários: Bruno Beaugé / Música: Jorge Arriagada / Som: Jean-Claude Brisson e Xavier Vauthrin / Montagem: Valerio Sarmiento / Interpretação: Didier Flamand (primeiro Jerôme), Pascal Bonitzer (segundo Jerôme), Maurice Bénichou (primeiro membro da Devoção), Pascal Kané (segundo membro da Devoção), Édith Scob (primeira Angélique), Frédérique Meininger (segunda Angélique), Daniel Gélin (Malagrida), Gabriel Gascon (o confessor), etc.

Produção: INA / Cópia digital, cor e preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 96 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Tendo sido impossível a redacção de um texto original, publicamos a tradução de uma conversa sobre o filme entre o crítico Adrian Martin e o realizador Raúl Ruiz, publicada na revista online Rouge:

Adrian Martin: Tanto **La Vocation Suspendue** como **L'Hypothèse du Tableau Volé** são baseados em obras do escritor-artista Pierre Klossowski.

Raul Ruiz: Klossowski não é muito francês, se percebe o que quero dizer. Claro, é francês por razões familiares; vem de uma velha família polaca que veio para França na altura das guerras napoleónicas. Está muito ligado à cultura francesa, mas nunca se sentiu confortável nesta cultura. Interessou-se sempre muito pelas culturas espanhola e italiana, principalmente, e também pela cultura clássica, claro. Mas estes aspectos foram mais ou menos ignorados em França. Descobri Klossowski mesmo por acaso, ao ler *La Vocation Suspendue* enquanto esperava por um amigo numa biblioteca. Depois comprei o livro e achei-o muito estranho. Tem a forma de um livro futuro que nunca se concretiza. E este livro fala das querelas dentro da Igreja, entre diferentes facções da Igreja Católica. Não eram muito diferentes das discussões e querelas dentro do movimento esquerdista na América Latina. O que não estranha, se pensarmos que este movimento era composto por ex-católicos. Transpuseram as velhas querelas católicas para a Esquerda; e esta é uma maneira possível de ler os movimentos políticos na América Latina. Isto, claro, fascinou-me, e quando comecei a trabalhar sobre o romance Klossowski ficou altamente surpreendido por eu o querer fazer. Falámos sobre como o fazer, e ficámos amigos. Queria fazer alguma coisa o seu trabalho todo, portanto pensava numa espécie de documentário. Mas ele era muito reservado e muito tímido quanto a essa ideia, e não queria trabalhar nela. O romance interessou-me porque parte da obra é uma combinação de perversidade e teologia, em grande parte dentro de uma forma de perversão entendida como uma filosofia. Sou demasiado católico para aceitar isso. Prefiro trabalhar com o outro tipo de perversão, com as perversões católicas, com os pesadelos teológicos e com os pesadelos institucionais. Interessava-me sobretudo no

modo de funcionar das instituições, e em como uma instituição é o resultado de uma mistura de ideologia com má fé.

AM: O que pensa Klossowski destes filmes baseados na obra dele?

RR: Gosta muito de **La Vocation Suspendue**. Não gostou muito de **L'Hypothèse du Tableau Volé**.

AM: Refere-se frequentemente à ideia de Klossowski de que o inconsciente é algo que acontece entre as pessoas.

RR: Um das razões por que me interessei por Klossowski foi por ele ter criado uma das mais poderosas críticas da identidade, da identidade pessoal. Essa ideia que mencionou parece-me muito evidente, e ao mesmo tempo muito estranha. É que nós nunca somos nós; somos sempre alguém diferente com outra pessoa. Você não é a mesma pessoa com a sua mulher; o seu inconsciente altera-se quando está com um amigo, ou quando vai comprar o jornal. Muda de identidade o tempo todo. Era uma loucura, mas foi para mim o elemento central para pensar o trabalho com as personagens, com as personagens não-existentes do cinema. Mais tarde, Klossowski disse-me que nunca tinha dito nada disto, e que talvez se tratasse de um mal-entendido. Mas eu tenho a certeza que ele o disse.